

AS CONSTRUÇÕES ASPECTUAIS $V1_{(A)GARRAR} + PREP_A + V2_{INFINITIVO} E$
 $V1_{PEGAR} + PREP_A + V2_{INFINITIVO}$ NA LÍNGUA PORTUGUESA: UM CASO DE
 VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA?

SUELI MARIA COELHO*

GERALDO SÉRGIO PINTO DRUMOND**

RESUMO

Adotando uma perspectiva diacrônica de investigação cuja análise seguiu critérios quantitativos e qualitativos, este estudo investigou a hipótese de que as construções aspectuais constituídas pelas auxiliares *(a)garrar* e *pegar* + preposição *a* + $V2_{infinitivo}$, apesar de marcarem mais de um contorno aspectual no Português, não são variantes linguísticas. Os resultados obtidos confirmaram a hipótese aventada, além de acusarem que a construção aspectual que tem por $V1$ o verbo *pegar* é mais antiga e mais produtiva na língua. A análise revelou ainda que, embora possa haver contextos de neutralização, ambas as construções se distinguem na conotação do aspecto durativo.

PALAVRAS-CHAVE: Construção aspectual, variação linguística, gramaticalização, verbo *pegar*, verbo *(a)garrar*.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Desde o trabalho de Labov (1972), o tema da variação e mudança linguística atrai as lentes dos estudiosos de questões atinentes à descrição das línguas, quer numa perspectiva sincrônica, quer diacrônica. Esta é adotada especialmente por aqueles que se

* Professora Adjunta de Língua Portuguesa da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (FALE/UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. E-mail: sucoelho@ufmg.br.

** Bacharel em Português pela Universidade Federal de Minas Gerais e Oficial Judiciário do Tribunal de Justiça de Minas Gerais (TJMG), Belo Horizonte, MG, Brasil. E-mail: geraldodru@gmail.com.

dedicam a investigar os efeitos cumulativos das variações, atendo-se, portanto, à mudança. Assim, apesar de se saber que as línguas mudam com o tempo, há, especialmente por parte do falante, certa ilusão ou crença de que, principalmente no tocante à gramática, as formas são estáveis, isto é, as estruturas são adquiridas com a língua e, a partir de então, não mais se sujeitam a qualquer intervenção por parte do usuário do sistema linguístico, que se limita a empregá-las na produção de seus enunciados. Entretanto, a língua é um sistema dinâmico e, embora em menor proporção que no léxico, também na gramática registram-se variações e mudanças. Os inúmeros trabalhos sobre gramaticalização de itens/construções já divulgados, independentemente do quadro teórico adotado, são pródigos em exemplos desses casos, já que se dedicam a descrever e a analisar processos de mudança categorial do léxico para a gramática ou de um estágio menos gramatical para um mais gramatical. Os enunciados apresentados a seguir se propõem a ilustrar o que ora se verifica, tomando como exemplo o verbo *pegar*, uma das formas selecionadas por este estudo:

1. O menino *pegou* o brinquedo novo com muito interesse.
2. A mãe *pegou* o menino cantando no chuveiro.
3. Algumas pessoas *pegam* até três ônibus para irem ao trabalho.
4. *Peguei* uma gripe tão forte, que não consegui ir ao trabalho.
5. *Pegou* a chover de repente e os manifestantes se dispersaram.
6. Diante da bronca, o menino *pegou* e falou que não tinha quebrado o brinquedo.

Nas ocorrências de (1) a (4), tem-se o verbo *pegar* empregado em seu exercício lexical, porque ele tem a propriedade de se referir a entidades do mundo extralinguístico, além de exercer a função de principal predicador da frase. Nota-se, entretanto, nesse grupo, uma alteração de seus valores semânticos, que se processa num *continuum* de abstração¹. Assim, em (1), identifica-se um uso concreto da forma, bem próximo de seu sentido etimológico, que é o de *segurar*, *apoderar-se de*; em (2), em (3) e em (4), ao contrário, registram-se usos mais abstratos cujo sentido é, respectivamente, *surpreender*, *embarcar* e *contrair*. Em

(5), a abstração semântica acentuou-se consideravelmente, o que lhe fez perder a propriedade de predicar para a sentença. Nesse contexto, passou a funcionar como um auxiliar do verbo *chover*, assumindo, além da função prototípica de demarcar as categorias de tempo, de número e de pessoa da perífrase verbal, contorno de marcador aspectual, dado que passou a expressar também o início do fenômeno expresso pelo verbo principal (V2), o que faz dele um marcador de inceptividade. Por fim, em (6), registra-se um uso da forma como marcador discursivo, que atua como um elemento articulador da sequência narrativa, já destituído não apenas de seu valor semântico original, como também de funções gramaticais.

Dado que o português, diferentemente de línguas como o japonês, por exemplo, não dispõe de um morfema específico para marcar a categoria de aspecto, quando necessita expressar o tempo interno ou a duração e as fases do processo verbal, o falante precisa, então, recorrer a outros recursos que a língua lhe oferece para isso. Muitas vezes, a categoria aspectual do verbo é expressa pelos tempos perfeito e imperfeito, mas nem sempre tais recursos se mostram suficientemente adequados, exigindo o apelo a outras formas de expressão, como as perífrases verbais, conforme ilustrado em (5). Em face de sua produtividade para essa função, estas têm sido amplamente descritas pelos linguistas contemporâneos (CASTILHO, 1968; TRAVAGLIA, 1985; SIGILIANO, 2008; VITRAL E COELHO, 2011; COELHO, 2014; PAULA, 2014). Esses teóricos buscam não apenas reconhecer uma identidade semântica e funcional que lhes assegure o estatuto de variantes linguísticas, mas também entender os fenômenos cognitivos subjacentes a seu processo de gramaticalização. O processo é capaz de explicar o fato de formas lexicalmente distintas ou mesmo semanticamente aproximadas tornarem-se funcionalmente semelhantes, quando gramaticalizadas.

Em seu trabalho seminal sobre o aspecto verbal no português, Castilho (1968) esboçou um primeiro conjunto de perífrases inceptivas que seriam potenciais variantes linguísticas², fenômeno retomado por Travaglia (2010) e aprofundado por Vitral e Coelho (2011) e por Coelho (2014). As sistematizações alcançadas, especialmente pelos dois últimos trabalhos, dão conta de que nem todas as quinze perífrases apontadas por Castilho (1968) são variantes linguísticas nos termos labovianos, já

que algumas delas traduzem mais de um contorno aspectual, fenômeno denominado pelos autores de *expressão cumulativa de aspecto*.

Retomando o quadro proposto por Castilho (1968) e visando a ampliar a descrição das perífrases que acumulam mais de uma marcação aspectual, iniciada por Vitral e Coelho (2011) e expandida por Coelho (2014), este trabalho se dedica a analisar especificamente as perífrases cujo V1 é constituído pelas formas *(a)garrar* e *pegar*³. Na descrição proposta por Castilho (1968), essas perífrases marcam aspecto inceptivo, apesar de haver entre elas níveis de formalidade distintos, já que a primeira é considerada por ele como uma forma popular de expressão aspectual. Vitral e Coelho (2011) não se ativeram à variável diafásica registrada por Castilho (1968), mas avançaram na descrição da categoria aspectual, ao demonstrarem que, para além do aspecto inceptivo, algumas daquelas perífrases traduzem ainda a duração e, por vezes, a iteração do processo verbal descrito por V2, dado que tal processo se prolonga no tempo.

Nosso objetivo é, pois, contribuir para essa descrição, verificando se as perífrases verbais delimitadas para este estudo são, de fato, variantes linguísticas, como cogitado por Castilho (1968) e por Travaglia (2011), e se expressam mais de um contorno aspectual, tal como aquelas estudadas por Vitral e Coelho (2011). Nossa hipótese é a de que, a despeito de as formas *(a)garrar* e *pegar* apresentarem, conforme já antecipado⁴, certa proximidade semântica antes de se gramaticalizarem⁵, diferentemente das perífrases analisadas pelos linguistas ora referenciados, quando gramaticalizadas, elas não são variantes linguísticas⁶, já que parece não haver entre elas identidade semântica e funcional em todos os contextos. Além disso, em alguns casos, a substituição de uma pela outra acarreta sentenças de gramaticalidade no mínimo duvidosa, conforme se observa nos enunciados a seguir:

7. Com o término do namoro, o rapaz *pegou a fumar*.
8. Com o término do namoro, o rapaz *garrou a fumar*.
9. Depois que adotou uma dieta balanceada, ele *pegou a comer* frutas todas as manhãs.
10. (?) Depois que adotou uma dieta balanceada, ele *garrou a comer* frutas todas as manhãs.

Uma análise mais perspicaz dos enunciados acima parece colocar em xeque até mesmo a função inceptiva de V1, dado que em (7) parece haver o pressuposto de que o rapaz não fumava e que passou a fumar, após a decepção amorosa. Em (8), contudo, há de se admitir uma ambiguidade, pois tanto é possível sustentar a leitura de que o rapaz passou a fumar quando terminou o namoro, quanto a de que ele já fumava e acentuou esse hábito em decorrência do fim do relacionamento. Em (9) e em (10), mantém-se o pressuposto de que a ação expressa por V2 teve seu início a partir da adoção de uma dieta balanceada, o que assegura a função inceptiva de V1, mas nos parece que a sentença (10) soa um pouco estranha, já que a intensidade da duração do processo verbal demarcada pela forma *garrar* não condiz com uma dieta balanceada. Assim, acreditamos que os resultados aqui relatados são relevantes no sentido de contribuir tanto para a descrição do quadro aspectual do português, como também de refinar questões atinentes à variação linguística – por vezes de limites bastante tênues –, apontando, inclusive, contextos de possíveis neutralizações no tocante ao fenômeno por nós analisado, segundo os critérios descritos na próxima seção.

2 DESCRIÇÃO DOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS ADOTADOS

Considerando-se que nosso objetivo não era descrever o processo de gramaticalização das formas selecionadas para o estudo, mas tão somente o de cotejar os contextos de uso das formas já gramaticalizadas, com vistas a testar a hipótese aventada, empreendemos uma coleta de dados no banco *Corpus do Português*⁷, organizado por Mark Davies e Michael J. Ferreira (2006), atendo-nos apenas às ocorrências em que as formas (*a*)*garrar* e *pegar* constituíam V1 de uma perífrase verbal aspectual. Delimitamos como sincronia inicial da coleta o período em que fosse flagrada a primeira ocorrência de pelo menos uma das perífrases aqui analisadas na função de assinalar a categoria de aspecto, o que se deu no século XVIII.

Desse modo, a análise aqui empreendida é diacrônica e compreendeu um período de três séculos, já que o banco não contempla dados do século XXI. Como o volume de dados obtido não foi muito

expressivo, principalmente porque acreditamos que as construções aspectuais selecionadas pelo estudo são mais produtivas na oralidade, além de sofrer influência de variáveis diatópicas e diafásicas, optamos, neste primeiro momento, por não controlar nenhuma variável sociolinguística, o que consideramos de grande relevância numa etapa posterior do estudo e com um volume de dados mais robusto. Neste estágio, dedicamo-nos apenas a testar a hipótese da não variação entre as formas e a descrever possíveis contextos de variação, caso estes existam.

Como adotamos uma metodologia de análise que se pauta tanto em critérios quantitativos quanto qualitativos, deparamo-nos com o problema de que o número de palavras por século não era equânime no banco de dados selecionado para constituição do *corpus*. Desse modo, a fim de balancearmos as ocorrências por sincronia – procedimento recomendável para assegurar maior confiabilidade à análise quantitativa –, desenvolvemos uma tabela de pesos com base nos dados estatísticos extraídos do próprio banco de dados. Para tal, dividimos o número total de palavras do *corpus* pelo número total de palavras que corresponde ao total de cada século, conforme descrito na margem superior da tabela 1, abaixo, e na coluna B. Com esse cálculo, chegamos ao peso apresentado na coluna C. Esse peso foi multiplicado pelas ocorrências encontradas em cada século e o resultado final foi arredondado, segundo o critério estatístico de transpor para a unidade acima os decimais iguais ou superiores a 0,5 e para a unidade abaixo os decimais inferiores a esse valor. Assim, os resultados apresentados na seção de análise dos dados não são absolutos, mas resultam da aplicação destes pesos.

TABELA 1 - ATRIBUIÇÃO DE PESOS RELATIVOS

TOTAL DE PALAVRAS NO CORPUS 45.606.959		
A	B	C
SEC.	Nº PALAVRAS	ATRIBUIÇÃO DE PESO
XX	20.777.725	2,19
XIX	10.008.622	4,56
XVIII	2.234.951	20,41
XVII	3.407.741	13,38

TOTAL DE PALAVRAS NO CORPUS 45.606.959		
A	B	C
XVI	4.435.031	10,28
XV	2.875.653	15,86
XIV	1.316.268	34,65
XIII	550.968	82,78

Descritos os critérios adotados para a análise quantitativa, resta-nos apresentar os parâmetros da análise qualitativa: para determinar se as perífrases aspectuais são ou não variantes linguísticas, guiamo-nos pelo critério do valor de verdade proposto por Labov (1972), considerando que, no caso deste estudo, por se tratar de forma já gramaticalizada, o mesmo valor de verdade corresponderia a uma equivalência semântica e funcional entre as formas num mesmo contexto, ou seja, tanto o sentido da construção quanto os contornos aspectuais expressos deveriam ser, necessariamente, equivalentes. No tocante ao quadro teórico que sustentou a análise das noções aspectuais expressas pelas perífrases, embasamo-nos em Castilho (1968) e em Travaglia (1985). Apoiamo-nos ainda nos parâmetros de gramaticalização postulados por Hopper (1991), especialmente no princípio da persistência, para interpretar as possíveis nuances semânticas entre as potenciais formas variantes. Os resultados obtidos a partir dos critérios ora descritos, bem como nossa interpretação para eles constituem objeto de discussão da próxima seção.

3 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Como já antecipado na seção precedente, o número de ocorrências identificadas no *corpus* não foi muito expressivo: cinquenta e quatro (54) ocorrências no total, sendo cinquenta e duas (52) constituídas por $V1_{pegar}$, uma (01) constituída por $V1_{agarrar}$ e uma (01) constituída por $V1_{garrar}$. Aplicando-se os pesos relativos descritos na tabela 1 (cf. seção anterior) e efetuados os devidos arredondamentos, esse total se transformou em cento e sessenta (160) ocorrências, conforme se verifica na tabela 2, a seguir, em que se apresentam também seus respectivos valores percentuais em relação à totalidade do *corpus*:

TABELA 2 - FREQUÊNCIA DIACRÔNICA DAS PERÍFRASES ASPECTUAIS ANALISADAS

PERÍFRASES	SÉC. XVIII	SÉC. XIX	SÉC. XX
V1 _{AGARRAR} + A + V2 INFINITIVO	-	-	2 (1,25%)
V1 _{GARRAR} + A + V2 INFINITIVO	-	-	2 (1,25%)
V1 _{PEGAR} + A + V2 INFINITIVO	20 (12,5%)	46 (28,75%)	90 (56,25%)
TOTAL: 160 (100%)	20 (12,5%)	46 (28,75%)	94 (58,75%)

Procedendo a uma análise global dos dados dispostos na tabela 2, percebemos que as construções aspectuais constituídas por V1_{pegar} são não apenas mais antigas que aquelas cujo V1 é constituído pelo verbo (*a*)*garrar*, como também bem mais produtivas na língua, pois elas já aparecem no século XVIII num percentual de 12,5% e correspondem a 97,5% das ocorrências do *corpus*. Além disso, uma análise na linha temporal demonstra que o uso da construção V1_{pegar} + Prep_a + V2_{infinitivo} está em expansão crescente de um século para o outro, atestando o espraiamento da mudança. Outro aspecto revelado pelos dados é que as construções constituídas por V1_{(a)garrar} começaram a ser identificadas no *corpus* no século XX, o que, de certa forma, explica sua baixa produtividade no período (2,5%), já que, segundo os pressupostos teóricos da variação e mudança, no estágio inicial do processo, a frequência da forma é normalmente baixa. Por fim, registramos que a forma verbal *agarrar* é uma variante fonética da forma *garrar* cuja frequência se equivale no *corpus* analisado.

Extraídas essas primeiras implicações dos dados quantitativos, passaremos à análise qualitativa, atendo-nos aos contornos aspectuais manifestos nas construções em estudo, com vistas a dar início ao julgamento da adequação de nossa hipótese. Para subsidiar nossa análise, procederemos à apresentação e à discussão de dados do *corpus*, iniciando com as perífrases menos produtivas e mais recentes:

11. “A gente também servia a comida; e ela ia levar o leite e vinha e, claro, *agarrava-se a trabalhar*: ou ia à erva ou a cavar ou, pronto, a trabalhar. “ (PE, grifo nosso)
12. “Mas quando eu falei de aumentar o preço, vixe! Os home viraro bicho. Um deles teve lá em casa e *garrou a xingá* eu

mais a Maria Preta e disse que se o preço subir nós íamos acertar as contas no acampamento.” (PB, grifo nosso)

A leitura dos enunciados acima, especialmente o de número (11), sem dúvida, causa-nos alguma estranheza, especialmente por se tratar de uma construção pronominal, que não nos é familiar no contexto de auxiliaridade de V1, por ser muito pouco produtiva (digase, de passagem, que essa foi a única ocorrência do tipo identificada no *corpus*). Não podemos nos esquecer, contudo, de que se trata de uma ocorrência registrada no Português Europeu e que, portanto, exhibe padrões sintáticos distintos, em alguma medida, do Português Brasileiro. Para além da especificidade entre as modalidades brasileira e europeia, conforme observa Travaglia (1985), algumas perífrases inceptivas não prototípicas, além de pouco frequentes, soam de forma pouco natural:

Teoricamente essas perífrases deveriam marcar o aspecto inceptivo nos mesmos casos em que a perífrase “começar + a + infinitivo”, mas os falantes não as usam marcando este aspecto. Mesmo se ocorrer no presente e pretérito imperfeito do indicativo e do subjuntivo será pouco frequente e natural, como se pode observar nas frases [...] Quando cheguei de manhã os rapazes já se punham a caminhar. (imperfectivo, inceptivo, não acabado) [...] Agora os concorrentes entram a procurar os objetos pedidos (imperfectivo, inceptivo, não acabado). (p.271).

De todo modo, a despeito das ressalvas ora pontuadas, entendemos que, tanto em (11) quanto em (12), o verbo auxiliar (*a*)*garrar* atribui à ação expressa por V2 mais de uma conotação aspectual. Em (11), o V1 *agarrar* contribui para a semântica aspectual da construção, na medida em que atribui à ação exercida pelo V2 *trabalhar* as noções de início de atividade (depois de levar o leite e de voltar, a figura feminina a quem se refere o narrador personagem se dedica a outro tipo de tarefa). Atribui também a noção de duração/continuidade (a própria morfologia do pretérito imperfeito se encarrega de denotar que a ação expressa por V2, tendo começado, continuava ainda; isso é reforçado pelo aposto que se apresenta na sequência) e de repetição/iteração, o que pode ser identificado pela alternância de atividades descritas pelo aposto,

as quais implicam, obviamente, a interrupção de uma para o início de outra; existe, portanto, uma iteração de atividades.

Também em (12) o emprego de V1_{garrar} introduz a conotação inceptiva de *xingar*, ao mesmo tempo em que assinala a duração/continuidade de tal ação e também a sua iteração, uma vez que *xingar* é um verbo télico cuja continuidade pressupõe a repetição do ato. Dada a identidade funcional das construções, a substituição da forma *agarrar* pela forma *garrar* preserva, em ambos os contextos, o mesmo valor de verdade, o que lhes assegura o estatuto de variantes linguísticas, mais especificamente de variantes fonéticas, e as aproxima do grupo de construções analisado por Vitral e Coelho (2011) e expandido por Coelho (2014).

Identificado um processo de variação fonética entre as perífrases cujo V1 é (*a*)*garrar*, procederemos ao objetivo precípuo deste estudo, que é o de verificar se existe variação entre as perífrases ora descritas e aquelas em que V1 é *pegar*. Adotando o mesmo procedimento anterior, passemos à análise de alguns dados do *corpus*:

13. “Aos poucos, a bem dizer sem se sentir, *pegou a trabalhar* para o bicheiro que fazia ponto na charutaria.” (PB, grifo nosso)
14. “Com a mesma santa paciência o velho encomendou então o seu almoço – ovos, um pedaço de lingüiça, café – e depois *pegou a partir* o queijo, primeiro ao meio, em duas metades e depois uma destas em fatias, como umas oito ou dez; acabando, ofereceu a todos: - São servidos?” (PB, grifo nosso)
15. “Dona Ester contava graças do neto para o cunhado, tia Carlota e o médico *pegaram a conversar* entre sorrisos.” (PB, grifo nosso)

Pela análise dos contextos acima, percebemos que as construções constituídas de V1_{pegar} + Prep_a + V2_{infinitivo} também marcam mais de um contorno aspectual. O auxiliar *pegar* denota, além do início da ação expressa por V2, a duração/continuidade dessa ação. Entretanto, diferentemente do que se deu com as construções introduzidas pelo

verbo *(a)garrar*, quando V1 é o verbo *pegar*, a noção semântica de intensidade da duração do evento verbal é mais opaca, o que, indubitavelmente, interfere na conotação do aspecto durativo, já que a duração/continuidade do processo verbal tende a ser interpretada como de menor intensidade. Não se pode, pois, considerar que as duas construções cumprem as mesmas funções na língua e que têm, portanto, o mesmo valor de verdade. Essa distinção é, por vezes, menos opaca e, portanto, mais sensível, em alguns contextos, como os criados a seguir, a título de ilustração do que ora se argumenta:

16. O psiquiatra começou a se preocupar, quando o paciente *pegou a falar* em suicídio.
17. O psiquiatra começou a se preocupar, quando o paciente *garrou a falar* em suicídio.

Tanto em (16) quanto em (17), os verbos auxiliares, respectivamente *pegar* e *garrar*, marcam o início da ação de *falar*, bem como a sua duração/continuidade, culminando com a iteração, isto é, ao ler as duas sentenças, entendemos que o paciente ainda não havia falado em suicídio e que, a partir do momento que o fez, reincidiu nessa ação. Contudo, em (17), a iteração da ação de *falar* é mais intensa, denotando, inclusive, uma frequência maior, em relação àquela expressa em (16), o que demonstra que o auxiliar *pegar* não se presta com tanta propriedade a assinalar a duração mais intensa do evento expresso por V2, como o faz o *(a)garrar*. Desse modo, confirmamos nossa hipótese de que as duas construções não são variantes linguísticas nos termos labovianos, porque, conforme demonstrado, elas não traduzem o mesmo valor de verdade em todos os contextos. Acreditamos que essa distinção funcional na marcação do aspecto durativo possa ser explicada pelo princípio da persistência de traços semânticos proposto por Hopper (1991) e também pelo esquema imagético da força, adotado por Paula (2014) para interpretar a cumulação de conotações aspectuais nas construções constituídas de $V1_{danar} + Prep_a + V2_{infinitivo}$. Não podemos ignorar que os traços semânticos de força, latentes nos usos mais concretos das formas *(a)garrar* e *pegar* ainda em seus exercícios lexicais, conforme ilustrado em (18) e em (19), já se distinguem pelo nível de gradação da intensidade:

18. O goleiro *pegou* a bola.
19. O goleiro *agarrou* a bola.

A análise dos dois enunciados acima não deixa dúvida de que a intensidade da ação executada pelo goleiro em (19) é maior que aquela demandada em (18). Nosso conhecimento de mundo nos faz pressupor que a defesa foi mais difícil e, portanto, exigiu mais esforço do goleiro em (19) que em (18). Segundo defendem os teóricos da linguística cognitiva, nossa capacidade cognitiva de categorização nos permite transpor para o processamento da linguagem nossas experiências corpóreas mais simples, por meio de uma extensão metafórica. Assim, estamos, pois, assumindo que essa gradação de intensidade latente na forma fonte persistiu quando da atuação do esquema imagético da força, que permite às formas gramaticalizadas expressarem o aspecto durativo. Dessa feita, o princípio da persistência que atua no processo de gramaticalização se encarregou de preservar na construção gramatical esse traço já gradual nas formas lexicais, o que resultou em construções que marcam, de forma distinta, a gradação da duração do evento iniciado e cujo fim ainda não foi demarcado. Considerando-se que, conforme dados dispostos na tabela 2, as construções com V1_{pegar} são mais antigas na língua, é possível cogitar que as construções com V1_{(a)garrar}, apesar de também expressarem mais de um contorno aspectual, emergem na língua para preencher essa lacuna da gradação do aspecto durativo, que, conforme demonstrado, é menos intenso e, portanto, processado como menos duradouro, quando V1 é a forma verbal *pegar*.

Mesmo havendo entre as duas construções analisadas uma distinção no tocante à intensidade da duração do processo verbal – a construção V1_{(a)garrar} + Prep_a + V2_{infinitivo} é menos opaca na marcação do aspecto durativo que a construção V1_{pegar} + Prep_a + V2_{infinitivo} –, em algumas ocorrências do *corpus*, tal gradação parece se neutralizar em função de determinados recursos linguísticos que passaremos a detalhar, o que, especialmente em se tratando da expressão da categoria de aspecto, já é, de certo modo, esperado. Travaglia (1985) pondera que uma das várias dificuldades de se estudar a categoria aspectual é sua estrita dependência dos contextos micro e macro. Segundo esse estudioso da questão, é imprescindível verificar o contexto de determinado enunciado, antes

de tentar categorizar suas noções aspectuais, sob pena de se cometerem equívocos de análise:

Outra dificuldade do estudo do aspecto se deve à sua dependência do contexto não só lingüístico como também extralingüístico. A mesma frase pode ter diferentes valores aspectuais, dependendo da situação em que é utilizada ou do contexto lingüístico em que se acha inserida. Assim, por exemplo, a frase: “Chove muito aqui” pode ter aspectos imperfectivo, cursivo, não acabado, durativo ou imperfectivo, não acabado, habitual conforme esteja ou não sendo usada em sua descrição simultânea. (TRAVAGLIA, 1985, p.22).

As ocorrências a seguir, extraídas do *corpus*, não apenas endossam esse alerta do autor, como também evidenciam contextos de neutralização da intensidade da duração do evento expresso por V2 e os recursos lingüísticos responsáveis por tal neutralização:

20. “Vês o que tu fazes? – dizia a mãe voltada para o marido. – Vês? Aí tens! Não tenho senão esta filha... e este maldito homem quer-me dar cabo dela! – E pegou a chorar *com grande berreiro*. Nisto ouviu-se um gemer soluçante a distância.” (PE, grifo nosso)
21. “Indo por aí acima, de vela largada ao vento, a partir de um certo ponto, o desgramado pegava a rincar *feito cavalo fogoso* manejando as suas patas.” (PB, grifo nosso)
22. “Haja vista, corroborou nhá Andreza, os nossos quatro abacateiros que estavam morre não morre com a enchente. Prometi uma libra de cera a ele e as águas pegaram a vazá *depressa*. Lá estão vivinhos da silva.” (PB, grifo nosso)
23. “Deitado sobre o pescoço do cavalo, comecei a chorar. Peguei a chamar: - *Padrinho! Padrinho ... – Hilarião! Meu padrinho...*” (PB, grifo nosso)

Nesses contextos específicos, a substituição do auxiliar *pegar* pelo *garrar* parece não comprometer o valor de verdade das sentenças, como ocorreu em (16) e em (17), já que a carga semântica ligada à intensidade da duração parece se manter, o que assegura a identidade

funcional entre as duas construções. Avaliamos que “[...] pegou a chorar *com grande berreiro*” corresponderia, sem qualquer prejuízo semântico, a “[...] garrou a chorar”. Do mesmo modo, “[...] pegava a rinchar *feito cavalo fogoso*” corresponderia a “[...] garrava a rinchar”; ainda, “[...] as águas pegaram a vazá *depressa*” corresponderia a “[...] as águas garraram a vazá!” e, finalmente, “Peguei a chamar: - *Padrinho! Padrinho ... – Hilarião! Meu padrinho....*”, corresponderia a “[...] garrei a chamar pelo padrinho”.

Essa equivalência, segundo se percebe, é assegurada não por propriedades das construções verbais, mas pelos recursos linguísticos destacados, a saber: os adjuntos adverbiais de modo, em (20) e em (22), o adjunto adverbial de comparação, em (21), e a repetição de itens lexicais, em (23). Isso demonstra que, de fato, as perífrases compostas por $V1_{(a)garrar}$ denotam de modo mais intenso o aspecto durativo, dispensando o uso de artifícios para enfatizar a ideia expressa pelo verbo principal se comparadas àquelas compostas por *pegar a*, comprovando, assim, a correção de nossa hipótese.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos, no presente trabalho, estudar diacronicamente as construções verbais $V1_{(a)garrar} + Prep_a + V2_{infinitivo}$ e $V1_{pegar} + Prep_a + V2_{infinitivo}$, que se gramaticalizaram como marcadoras não prototípicas da categoria aspectual inceptiva. Nosso *corpus* foi constituído a partir da coleta de ocorrências das referidas perífrases no banco de dados *Corpus do Português*, organizado por Mark Davies e Michael Ferreira (2006). A coleta congregou dados tanto do Português Europeu quanto do Português Brasileiro e compreendeu um espaço de tempo de sete séculos – séc XIII ao séc XX –, intervalo diacrônico contemplado pela base de dados selecionada para a constituição do *corpus*. Considerando-se que as construções aspectuais eleitas pelo estudo só foram identificadas a partir do séc XVIII, a análise aqui empreendida reflete, portanto, o período compreendido entre os séculos XVIII e XX. No tocante ainda à metodologia adotada, o estudo pautou-se em análise quantitativa e qualitativa. Com o fito de equiparar a frequência obtida com a análise quantitativa, desenvolvemos uma tabela de pesos de acordo com o

século em que se deram as ocorrências e aplicamos esses pesos aos valores absolutos encontrados para cada século.

O objetivo principal do estudo consistiu em analisar não o processo de gramaticalização em si, isto é, o processo de tramitação das formas verbais *(a)garrar* e *pegar* de itens lexicais a gramaticais, mas tão somente as formas já gramaticalizadas, buscando descrever quais as funções aspectuais são expressas pelas construções selecionadas pelo estudo. Ademais, buscou-se testar contra dados empíricos a hipótese de que essas construções não são variantes para marcação de aspecto inceptivo, mas que apresentam funções específicas, em se tratando da marcação da continuidade/duração do evento expresso por V2, o que invalida tratá-las como variantes linguísticas nos termos labovianos. Para tal empreitada, apoiamos-nos na corrente funcionalista, tomando como parâmetro de análise os princípios de gramaticalização apontados por Hopper (1991) e as noções de aspecto verbal desenvolvidas por Castilho (1968) e por Travaglia (1985).

Os resultados obtidos confirmaram a hipótese de que as perífrases aspectuais, cujo V1 é constituído pelos verbos *agarrar* e *garrar*, não são variantes linguísticas nos termos labovianos em relação àquelas cujo V1 é constituído pelo verbo *pegar*, por não expressarem o mesmo valor de verdade em todos os contextos de uso. Identificamos, ainda, que tais perífrases são mais recentes na língua do que aquela constituída de V1 ^{*pegar*} + Prep_a + V2_{infinitivo}. Seu surgimento no *corpus* só foi verificado a partir do século XX e, provavelmente, em função de se tratar de um processo de mudança em seu estágio inicial, seus índices de frequência são bem inferiores àqueles identificados para a perífrase V1 ^{*pegar*} + Prep_a + V2_{infinitivo}, cujo primeiro registro data do século XVIII. Os dados acusaram ainda que essa perífrase se encontra em pleno processo de expansão diacrônica, já que seus índices de frequência duplicam de um século para o outro.

Acreditamos que a elaboração da tabela de pesos, apresentada no item *descrição dos procedimentos adotados* e que trata da distribuição de pesos para análises do século XIII ao XX, poderá servir de contribuição para aplicação em futuras pesquisas que venham a utilizar o mesmo banco. No tocante aos estudos de variação e mudança linguística, acreditamos que a conclusão de que a perífrase V1 ^{*pegar*} Prep_a + V2_{infinitivo} apresenta um valor de verdade distinto das construções V1 ^{*(a)garrar*} Prep_a + V2_{infinitivo},

inviabilizando que ambas sejam tratadas como variantes linguísticas, tenha sido o ponto em que mais se ousou e, frente a tal generalização, reconhecemos a necessidade de se dar continuidade à descrição das perífrases aspectuais que traduzem mais de um contorno aspectual, com vistas a melhor delinear um quadro da variação em Português.

ASPECTUAL CONSTRUCTION V1_{TAKE} + PREP_{TO} + V2_{INFINITIVE} AND V1_{CATCH} +
PREP_{TO} + V2_{INFINITIVE} IN PORTUGUESE: IS THIS A CASE OF LINGUISTIC VARIATION?

ABSTRACT

By adopting a diachronic perspective, whose analysis was based on quantitative and qualitative criteria, this study has investigated the hypothesis that the aspectual auxiliary constructions constituted by the verbs *to catch* and *to take* + preposition *to* + V2_{infinitive}, although they score more than one aspectual configuration in Portuguese, they are not linguistic variants. The research outcomes have confirmed the mooted hypothesis, as well as showing that the aspectual construction whose V1 is the verb *to take* is the oldest and the most productive in Portuguese. Although there may be contexts of neutralization, the analysis has also revealed that both constructions differ from each other in the connotation of the durational aspect.

KEYWORDS: Aspectual construction, linguistic variation, grammaticalization, verb *to catch*, verb *to take*.

LAS CONSTRUCCIONES ASPECTUALES V1_{(A)GARRAR} + PREP_A + V2_{INFINITIVO} Y V1_{PEGAR}
+ PREP_A + V2_{INFINITIVO} EN LA LENGUA PORTUGUESA: ¿ UN CASO DE VARIACIÓN
LINGÜÍSTICA?

RESUMEN

Adoptando una perspectiva diacrónica de investigación, cuyo análisis siguió criterios cuantitativos y cualitativos, este estudio ha investigado la hipótesis de que las construcciones aspectuales constituidas por los auxiliares *(a)garrar* y *pegar* + preposición *a* + V2_{infinitivo}, aunque marquen más de un contorno aspectual en el portugués, no son variantes lingüísticas. Los resultados obtenidos han confirmado la hipótesis levantada, además de acusaren que la construcción aspectual que tiene como V1 el verbo *pegar* es más antigua y más

productiva en la lengua. El análisis ha revelado también que, aunque pueda haber contextos de neutralización, ambas las construcciones se distinguen en la connotación del aspecto durativo.

PALABRAS CLAVE: construcción aspectual, variación lingüística, gramaticalización, verbo *pegar*, verbo *(a)garrar*.

NOTAS

- 1 Esse processo metafórico de abstração e consequente extensão semântica é condição para que, num contexto específico, a forma verbal se gramaticalize como auxiliar de uma construção verbal, passando a incorporar as propriedades inerentes a essa classe.
- 2 Na perspectiva laboviana, duas formas são consideradas variantes linguísticas se, e somente se, elas constituírem modos alternativos de se dizer a mesma coisa, em um mesmo contexto, preservando-se o mesmo valor de verdade. No caso específico das construções aspectuais inceptivas ventiladas por Castilho (*op. cit.*), consideraram-se formas variantes as construções formadas por auxiliares prototipicamente inceptivos, como *começar* e *principiar*, por exemplo: (i) *Começou a chover* de repente; (ii) *Principiou a chover* de repente. Trata-se, sem dúvida, de construções inceptivas variantes porque, em ambos os contextos, o valor de verdade é preservado, já que a ideia de inceptividade encontra-se latente no próprio semantema dos dois verbos auxiliares, assinalando, desse modo, em ambos os contextos, o início do processo descrito por V2 (*chover*). Há, contudo, variação linguística também com construções inceptivas constituídas por formas verbais não prototípicas, conforme hipotetizado por Travaglia (2010, p. 107): “começar/passar ~ dar para, destampar a, desatar a, (a)garrar a, pegar a, deitar a, despejar a, cair a, disparar a, romper a, danar a, desandar a, entrar a, iniciar, botar, pôr-se a, desenfrear a e desembestar a”. Vitral e Coelho (2011), analisando ocorrências como (i) João *garrou a falar* na mãe falecida e (ii) João *danou a falar* na mãe falecida, concluíram que a variação linguística com construções não prototípicas transcende o escopo da inceptividade, estendendo-se também à marcação do aspecto durativo, caso semelhante ao das construções analisadas por este estudo.

- 3 A seleção dessas formas verbais se deu pelo fato de haver entre elas certa proximidade semântica, principalmente se comparadas a formas como *pegar* e *danar*, por exemplo, que constam na lista proposta por Travaglia (2010). No caso específico de *pegar* e *(a)garrar*, há a possibilidade de intercâmbio de uma forma por outra em alguns contextos do exercício lexical, o que não se verifica entre *pegar/(a)garrar* e *danar*: (i) O goleiro *pegou* a bola com dificuldade. (ii) O goleiro *agarrou* a bola com dificuldade. (iii) * O goleiro *danou* a bola com dificuldade.
- 4 Conferir nota 3.
- 5 Ainda que estejamos assumindo, assim como Goldberg (1995), que o verbo não é o único elemento responsável pela predicação numa construção, o que pode fazer com que um conjunto de construções, apesar de exibirem a mesma forma, adquiram sentidos diferentes, entendemos que a não equivalência semântica entre as duas construções analisadas por nós decorre de outros fatores que não o processo de gramaticalização por que passaram. Defendemos que a não equivalência decorre da herança de traços da forma lexical, uma vez que as formas *pegar* e *(a)garrar* não são variantes em todos os contextos lexicais, conforme pode comprovar o leitor comutando uma pela outra nos contextos de (1) a (4) apresentados por nós.
- 6 As construções aspectuais analisadas por Vitral e Coelho (2011) – V1_{danar, destampar e garrar} + Prep_a + V2_{infinitivo} – e por Coelho (2014) – V1_{agarrar, danar, desandar e desatar} + Prep_a + V2_{infinitivo} – diferem-se das selecionadas para este estudo porque, no caso daquelas, apesar de as formas que se gramaticalizaram em V1 serem originalmente distintas semanticamente, ao se gramaticalizarem, passam a desempenhar funções semelhantes, tornando-se variantes linguísticas.
- 7 O endereço para acessar o banco de dados é www.corpusdoportugues.org.

REFERÊNCIAS

- CASTILHO, A. T. *Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa*. Marília: Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, 1968.
- COELHO, S. M. A gramaticalização das formas verbais *(a)garrar*, *danar*, *desandar* e *desatar* para expressão das categorias aspectuais incoativa, cursiva e iterativa na língua portuguesa. *ReVEL*, v. 12, n. 22, 2014.

DAVIES, M.; FERREIRA, M. *Corpus do Português*: 45 milhões de palavras, 1300s-1900s. Disponível em: < <http://www.corpusdoportugues.org>>. Acesso em: 12/06/2014.

GOLDBERG, A. E. *Constructions*: a construction grammar approach to argument structure. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

LABOV, W. *Sociolinguistics patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1972.

HOPPER, P. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs; HEINE, Bernd. (Org.). *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1991. p. 17-36.

PAULA, T. F. de. *Estudo do processo de gramaticalização do verbo danar para marcação de aspecto no português brasileiro*. 2014. 91 f. Dissertação (mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

SIGILIANO, N. S. *O telefone tocô eu peguei e: quem tá falano?* - A polissemia do verbo PEGAR. 2008. 133 f. Dissertação (Mestrado em Letras - Linguística) - Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF. Juiz de Fora, 2008.

TRAVAGLIA, L. C. *O aspecto verbal no português*: a categoria e sua expressão. Uberlândia: Imprensa Universitária, 1985.

VITRAL, L. T.; COELHO, S. M. A gramaticalização de “danar a”, “destampar a” e “garrar a” + infinitivo e a expressão cumulativa de aspecto. *Caligrama*. Belo Horizonte, v. 16, n. 2, 2011. p. 177-198.

Submetido em 29 de junho de 2014

Aceito em 29 de junho de 2015

Publicado em 21 de dezembro de 2015
